

Sobre um tal “Compañero Pádua”, ainda...

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO

Para a professora **Sílvia Fernanda de Almeida**, aquela que ama São João del-Rei e reivindica sempre que as melhores oportunida-

des desta terra devem ser oferecidas aos são-joanenses, principalmente.

Já escrevi alguma coisa sobre o envolvimento dos componentes da Companhia Teatral do Modesto-Cazarré em lamentáveis episódios, acrescidos de deslealtes e irresponsáveis comentários menosprezando esta cidade e eminentes figuras do nosso passado. Foram conceitos desastrosos, emitidos principalmente por um tal de Compañero Pádua, codinome de militante do PCB usado por Mário de Pádua Jovita Correia do Lago, o ígnoto ator global Mário Lago, já falecido e que naquela época esteve em nossa cidade, onde fora muito bem recebido. O que escrevi anteriormente, em outros jornais, foi baseado nos registros de uma ata existente no Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, datada de 01 de abril de 1979.

Agora, pela primeira vez, para que os são-joanenses leitores do JORNAL DE MINAS conheçam a história em seus mínimos detalhes, transcrevo fielmente, diretamente da fonte escrita por Mário Lago, o livro de memórias intitulado “Na Rotação do Tempo”, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1976, páginas 268-270:

“A temporada em São João del-Rei, seguindo a rotina que vinha marcando a iniciativa do Modesto e do Cazarré, desde a estreia no Teatro Regina, ia de mal a pior. Consolavam-nos, na terra de Otto Lara Resende, a contemplação do que ainda restava da melhor colônia portuguesa, as grades de pedra, os nichos nas paredes das ruas, os exemplares de ‘L’ami du peuple’, o explosivo jornal de Marat, existentes na Biblioteca Municipal. Mas à noite, quando o pano se abria, era aquela desolação, e a onça estava ficando cada vez mais difícil de ser sadada. Só havia uma saída: espetáculo em homenagem ao prefeito, expediente sempre capaz de dar bons resultados. Incumbiram-me de saudar o ilustre, com a recomendação de que tudo ia depender da minha discursão.

O principal, nessas emergências, é saber por onde pegar a fera, conhecer a sua principal fraqueza. Em conversa com a gente da terra foi fácil descobrir o ponto de apoio que serviria para Arquimedes firmar sua alavanca e levantar o mundo. O maior orgulho do prefeito a ser fígado era

um Jesus Cristinho, como dizia o Vinícius de Moraes, que ele mandara colocar no alto de um morrinho, desejoso de imitar o existente aqui pelas bandas do Rio. Isso me inspirou uma discursão de balançar qualquer coração. O Cristo do Carcovado virou anão de jardim, comparado à imagem que o comandante dos destinos de tão maravilhosa gente fizera flincar no alto do quele Himalaia.

Da caixa, Modesto e Cazarré gritavam, animados, que eu fosse falando mais coisas, mais coisas. Era preciso recheiar bem o peru. Falei das grades de pedra, dos exemplares de ‘L’ami du peuple’, dos nichos, como se tudo isso fosse abra do incomparável administrador que estava no camarote. ‘Vai falando, velho, abana bem o balão’. Não encontrando mais expressões capazes de deixarem a vítima no ponto ideal para ser trinchada, convidei o público a seguir-me numa salva de palmas àquele... era preciso algo bem forte para liquidar todas as dúvidas, um título diante do qual tudo ficasse sem importância... e lhe pespeguei a tabuleta de Tomé de Souza.

O teatro veio abaixo, pois o homem era muito querido na cidade, e o Jesus Cristinho, de fato, encheu de orgulho a todos. Não contente de ir à caixa cumprimentar os artistas, convidou-nos a todos para uma ceia em sua casa. Mais discursão, dessa vez feita por ele, confessando-se no auge da emoção com tão linda homenagem. Era a deixa que esperávamos para o cerco terrível. Vinhamos enfrentando sérias dificuldades porque a percentagem cobrada pelo teatro era muito alta e não tínhamos condições para pagar... estávamos com data marcada para estrear em Divinópolis, mas o saldo da temporada não dava para as passagens...

É... eu estive sabendo que os senhores não foram felizes aqui na terra... mas vamos dar um jeito nisso. A Prefeitura se responsabiliza pelo aluguel do teatro.

Sabíamos que o senhor nos ajudaria, doutor. Infelizmente as dificuldades não são só essas.

Os senhores talvez não acreditem, mas eu

ainda encontro horas vagas para me dedicar às minhas invenções.

Nós nos entrelhamos na maior das desconfianças. Teria dado a louca no homenzinho? A propósito de que aquela história de invenções no meio da conversa?

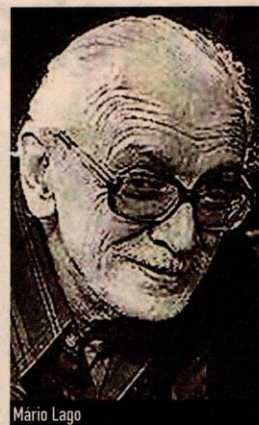
Ah, o meu marido é muito habilidoso, só os senhores vendo.

Papai mostra pra eles aquele tinteiro. Deviam ser adotados em todas as escolas do Brasil.

E vários pares de braços nos carregaram para o gabinete do chefe do executivo são-joanense, buzinando-nos aos ouvidos mil referências a tudo que ele já inventara e ainda por inventar, como se nos acompanhasse todo um departamento de relações públicas do novo Edson. Não era só o tinteiro, maravilha das maravilhas, como nós íamos ver. Havia também uma bica que, torcida numa determinada direção, esguichava água pelos lados. Podia não ter utilidade nenhuma, pois toda utilidade de uma bica está precisamente debaixo dela e não dos lados, mas tinha sido concebida pelo homem de quem dependíamos e nada nos custava achar a invenção genial.

Por diversas vezes tentamos voltar ao assunto que nos angustiava. As diárias dos hotéis estavam atrasadas. Sabia como era, não é mesmo? A temporada sendo fraca, os salários dos atores... Pois é. Ah, amanhã, podem apanhar na Prefeitura os ordens das passagens... Muitas despesas tinham sido feitas na cidade com objetos necessários à montagem dos espetáculos... A vantagem desse tinteiro, reparem só, é que pode rolar pelo chão e não quebra nem deixa sair uma gota de tinta que seja. Eu inventei isso por causa dos meus netos, meninas muito arteiros’.

Levamos nessa conversa de vem-lu-pro-cá-que-eu-vou-pro-lá até uma e pouca da manhã, nós queremos falar de outras dívidas a serem pagas e ele a mostrar a importância da bica que esguichava água pelos lados, as excelências dos tinteiros. Fomos levados até a porta por toda a família, quase em charola, e ali ele confirmou que a Prefeitura se responsabilizava pela dívida com o



Mário Lago

teatro, dava passagem e transporte de cenários para Divinópolis. Mas doutor... E aqui está meia dúzia de tinteiros para cada um dos senhores. Talvez tenham filhos, e eles vão gostar, garantio’.

Chegados à rua, Cazarré, no auge do desânimo, perguntou que iríamos fazer com aquela bosta. Sugeriu atorarmos o ‘recurso’ no riachinho que passa pela cidade. Talvez envenenássemos a população e seria uma glória. Modesto não se controlou mais e deu um ataque histérico.

Nem genocidas nós podemos ser. O miserável fez um tinteiro a prova de tombo, não deixa sair a tinta de jeito nenhum. Querem ver só?

E, para provar a genialidade do Edson são-joanense, foi chutando um dos tinteiros até a porta do hotel, não se vendo sequer respingo de tinta na calçada. Não recordo que compromissos foram assumidos para termos nossas malas livres e poderíamos deixar o hotel no dia seguinte. Sei apenas que, pelo sim-pelo não, nunca mais quis passar nem por perto de São João del-Rei’.

Sem comentários... Faço esta transcrição para que os leitores tirem as suas conclusões.

PRESIDENTE DO IHG E MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DE SÃO JOÃO DEL-REI

JORNAL DE MINAS

São João del-Rei - MG – Ano IV, Edição 53, de 20 de março de 2005, pág. 2